



ENSINO & MULTIDISCIPLINARIDADE

Jan. | Jun. 2020 – Volume 6, Número 1, p. 64-76.

A matéria Desenho nos Grupos Escolares ludovicenses: prescrições iniciais

The Drawing matter in the ludovicenses Schools Groups: initial prescriptions

Danielle Sousa de Jesus¹ - <https://orcid.org/0000-0002-1440-8782>
 Marcos Denilson Guimarães² - <https://orcid.org/0000-0002-9967-4624>

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente da Rede Estadual de Educação do Estado do Maranhão (SEDUC), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: daniellesousadejesus@gmail.com.

² Doutor em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Maranhão (PPECEM/UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: marcos.denilson@ufma.br

Resumo

O texto identifica os conteúdos trabalhados nas aulas de Desenho nos Grupos Escolares maranhenses e busca responder a seguinte questão: que tipo de Desenho esteve presente na escrita do primeiro programa de ensino dos Grupos Escolares de São Luís e com quais finalidades? As fontes analisadas encontram-se disponíveis no Acervo Digital da Biblioteca Benedito Leite e no Arquivo Público do Maranhão. Para a análise das fontes contou-se com o aporte teórico-metodológico da história cultural e da história das disciplinas escolares. As fontes documentais foram leis, decretos e regimentos daquela época. As conclusões apontam que, na constituição dos Grupos Escolares ludovicenses, o ensino de Desenho constava como um conteúdo do programa de ensino de 1904 nas três cadeiras, atendendo a uma educação dos sentidos e ao desenvolvimento da observação, direcionada pelo método intuitivo.

Palavras-chave: Desenho. Grupo Escolar. Ensino Primário. Método intuitivo. História da educação matemática.

Abstract

The text identifies the contents worked in the Drawing classes in the Schools Groups in Maranhão and seeks to answer the following question: what type of Drawing was present in the writing of the first teaching program of the School Groups of São Luís and for what purposes? The analyzed sources are available in the Digital Collection of the Benedito Leite Library and in the Maranhão Public Archive. For the analysis of the sources there was a theoretical-methodological contribution of cultural history and the history of school subjects. The documentary sources were laws, decrees and regulations of that time. The conclusions point out that, in the constitution of Ludovicenses School Groups, the teaching of Drawing was part of the 1904 teaching program in three disciplines, given the education of the senses and the development of observation, guided by the intuitive method.

Como citar: JESUS, D. S.; GUIMARÃES, M. D. A matéria Desenho nos Grupos Escolares ludovicenses: prescrições iniciais. *Ensino e Multidisciplinaridade*, v. 6, n. 1, p. 64-76, 2020.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Keywords/Palabras clave: Drawing. School Group. Primary school. Intuitive method. History of Mathematical Education.

Considerações Preliminares

Neste artigo são apresentados resultados parciais de uma pesquisa em andamento que estuda em perspectiva histórica as finalidades de ensino, tidas de objetivo (CHERVEL, 1990), da matéria Desenho do curso primário ludovicense, a partir da constituição dos Grupos Escolares maranhenses implantados em São Luís em 1903. O presente texto se ateve a responder a seguinte questão: que tipo de Desenho esteve presente na escrita do primeiro programa de ensino dos Grupos Escolares de São Luís e com quais finalidades?

Isto posto, cabe levar em conta que esta pesquisa, em suas análises ainda iniciais, busca preencher uma lacuna nas pesquisas deste Estado que, ao que tudo indica, delegaram a segundo plano a escrita de uma história acerca do ensino de Desenho nesse nível de estudos primários. De um levantamento bibliográfico realizado, notou-se que o ensino de Desenho é uma matéria pouco estudada nos grupos escolares na cidade de São Luís no início do século XX. Ou seja, esta parece ser uma pesquisa que contribuirá com a produção de novas representações¹ sobre a história da educação matemática maranhense.

O esforço de caracterização de um saber específico presente na formação de crianças em idade escolar e numa fase marcada pela instauração da chamada Primeira República (1890-1930), onde 85% da sociedade era constituída de analfabetos (VEIGA, 2007), a educação passou a ser considerada como um dos problemas centrais e a cura para a superação dos males do país, tendo em vista sua intervenção como aliada do progresso da nação republicana. O Estado, por meio da educação oferecida à população, baseava-se no nacionalismo e civismo como espaços de difusão do novo projeto republicano. Portanto, é neste contexto que foram criados os Grupos Escolares os quais representavam o discurso de modernidade identificada no modelo de desenvolvimento capitalista. Estes simbolizavam o início da instrução pública, gratuita e estatal. Ademais, esses Grupos incorporaram um modelo de instituição útil e necessária à formação de uma parcela enorme de alunos, consagrando assim os interesses do Estado republicano, que via nesta criação uma solução para a superação dos problemas históricos assentados sobre o analfabetismo (SILVA, 2011).

O modelo proposto pelos Grupos Escolares previa uma série de modificações na organização didático-pedagógica do ensino, entre elas “padronização do ensino, uma divisão do trabalho docente, a classificação dos alunos, a necessidade de prédios próprios, novos procedimentos de ensino e uma nova cultura escolar” (SOUZA, 1998b, p. 49-50). Para os historiadores da educação matemática no Brasil, o método de ensino intuitivo, também chamado de lições de coisas, protagoniza esta modernidade pretendida.

O projeto de implantação dos Grupos Escolares, como a reunião de escolas isoladas, agrupadas pelas suas proximidades, apresentava o objetivo de difundir o ensino primário para toda a população e com isso princípios que auxiliariam no fortalecimento da República no Brasil.

O Maranhão não fugiu à regra e teve seu primeiro Grupo Escolar criado em 1903, na cidade de São Luís. A implantação dos Grupos Escolares em São Luís refletiu o movimento modernizador da educação que abrangeu praticamente todas as capitais

¹ As representações são tidas por Chartier como construções coletivas de grupos sociais que procuram apreender e estruturar o mundo da forma como ele é percebido e reproduzido pelos sujeitos (CHARTIER, 1990).

brasileiras no início do século XX, as quais, influenciadas pelas ideias da chamada pedagogia moderna, lutaram pela implantação de escolas de ensino intuitivo, seriado e simultâneo (LICAR, 2012, p. 67).

Os Grupos Escolares tornaram-se sinônimo de ensino primário no Brasil e tiveram a Aritmética, Geometria e Desenho como principais representantes da Matemática². Nesse contexto, este trabalho objetiva identificar os conteúdos trabalhados nas aulas de Desenho nos Grupos Escolares da capital maranhense, de maneira a responder que tipo de desenho era ofertado e com quais finalidades.

No que diz respeito à fundamentação teórico-metodológica, esta pesquisa está alicerçada na história das disciplinas escolares. Seu estudo tende a colocar “[...] em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e, portanto, a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos subprodutos culturais da sociedade” (CHERVEL, 1990, p. 184). Assim, estudar a história das disciplinas escolares pode revelar o lado criativo e original do sistema escolar, mostrar a escola que reflete os objetivos culturais da sociedade em que está inserida, a forma de pensar dos docentes, os progressos e rupturas com a aplicação dos currículos e a metodologia desenvolvida nas aulas. Esse supracitado autor é tomado ainda como suporte para análise da constituição e transformação das finalidades de ensino que são possíveis de identificar mediante a leitura de programas de ensino, leis, decretos etc., ou seja, mediante uma leitura teórica a partir de documentação oficial/normativa, em vista das práticas que ainda não foram realizadas em sala de aula.

Se é verdade que a sociedade impõe à escola suas finalidades, estando a cargo dessa última buscar naquela apoio para criar suas próprias disciplinas, há toda razão em se pensar que é ao redor dessas finalidades que se elaboram as políticas educacionais, os programas e os planos de estudo, e que se realizam a construção e a transformação históricas da escola (CHERVEL, 1990, p. 219).

Esta pesquisa se apoia também na História cultural, que de acordo com Chartier (1990), “[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Com isso, de um modo geral, queremos identificar como o ensino de Desenho, na primeira década do século XX, foi pensado, construído e dado a ler pelos distintos modos de ver dos sujeitos.

A coleta das fontes se deu por meio do acesso ao acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite e do Arquivo Público do Estado do Maranhão. Consideraram-se os seguintes documentos: leis, decretos e regimento interno de 1904, voltados aos Grupos Escolares da capital maranhense. Esses arquivos públicos, cujos documentos constituem para o historiador uma fonte extremamente preciosa, são *locus* importantes de vestígios de atividades humanas do passado e meios relevantes de preservação e guarda pública de documentos escolares normativos, técnicos e iconográficos. Para Cellard (2012), esses arquivos públicos remetem à uma documentação geralmente volumosa e organizada segundo planos de classificação, complexos e variáveis no tempo.

Deste modo, a pesquisa é de cunho bibliográfica e documental embasada por estudos historiográficos.

Os Grupos Escolares no Maranhão: construção e funcionamento

² O termo Matemática só aparece como uma única disciplina do ensino secundário em 1931, com a Reforma Francisco Campos. Na ocasião, disciplinas anteriormente separadas como Aritmética, Álgebra, Trigonometria e Geometria, passaram a compor e reunir uma única disciplina, a Matemática.

Nas primeiras décadas da República, o processo educacional no Maranhão, como nos demais estados brasileiros, era incerto e defasado, caracterizado pela precariedade de professores, material e estrutura escolar. Neste cenário de início de implantação da República, ocorre a criação dos Grupos Escolares que surge com a função de divulgar os ideais republicanos e assegurar a manutenção da ordem. Para Faria Filho e Vidal (2000, p. 24), por meio deles “os republicanos buscaram dar a ver a própria República e seu projeto educativo exemplar e, por vezes, espetacular” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 24).

Foi o Estado de São Paulo o pioneiro na implantação dos Grupos Escolares, em 1893, mas somente regulamentados e instalados em 1894. Após a implantação nesse Estado, os Grupos Escolares acabaram difundidos para o restante do país, levando para as crianças de 7 a 12 anos uma nova caracterização baseada num ensino seriado e sequencial, em substituição das classes de alunos em diferentes níveis de aprendizagem. Nesse contexto, Silva e Castro (2012) explanam que, “à escola republicana foi imposta a missão de consolidar os intentos do estado, que via nessa instituição uma alternativa para a superação dos problemas históricos do analfabetismo e, conseqüentemente, o atraso socioeconômico da nação” (CASTRO; SILVA, 2012, p. 249).

Neste contexto, em 26 de março de 1903, o Governador do Estado do Maranhão, o Coronel Alexandre Collares Moreira Junior, autoriza a conversão de escolas estaduais em Grupos Escolares na capital maranhense. Mas só em 1904, por meio do Decreto nº. 36, de 1 de julho de 1904, que o governo concede a criação de dois Grupos Escolares na capital e regula seus funcionamentos.

Ainda de acordo com o supracitado Decreto, ficou estabelecido que tais instituições fossem constituídas por um número de três Escolas Isoladas. O novo modelo de educação em São Luís foi então organizado a partir das seis Escolas Isoladas existentes na cidade, culminado assim na criação de dois Grupos Escolares, como explicitado anteriormente. De acordo com o referido Decreto,

Art. 1 – ficam instituídas nessa cidade, dois grupos escolares, compondo-se cada um deles por três escolas de instrução primária, mantidas pelo Estado dentro daquele perímetro.

Art. 2 – os grupos escolares serão de regime misto e denominar-se-ão de primeiro grupo escolar e segundo grupo escolar, e funcionarão nos edifícios que pelo governo lhes forem designados (MARANHÃO, 1904a, p. 10).

Não houve construção de prédios para a instalação desses Grupos Escolares, na capital maranhense, no entanto estavam localizados no centro da movimentação urbana, um na Rua do Sol e o outro na Rua Grande correspondentes a Primeira e a Segunda Escolas Estaduais, respectivamente (SILVA, 2011).



Figura 1 – (a) Primeiro Grupo Escolar, (b) Segundo Grupo Escolar

Fonte: Silva (2011, p. 101)

À medida que se reconhecem os Grupos Escolares como espaços de construção de uma nova cultura escolar, onde o modelo republicano de educação permitia um maior controle sobre os professores e alunos, foi possível perceber uma nova organização escolar mediante o ensino seriado, com classes graduadas pela idade e grau de conhecimento, um único professor por classe, o uso de exames com categorias “ótima, boa, sofrível, má, e péssima ou nula” para aprovação dos alunos, uma nova organização do tempo escolar, vários docentes sob uma direção, uma nova forma de organizar o currículo, além de uma nova identidade profissional para os professores, dentre outras mudanças. Nesse contexto, Souza (1998a) referencia os Grupos Escolares como

Uma escola identificada com os avanços do século, uma escola renovada nos métodos, nos processos de ensino, nos programas de ensino, na organização didático-pedagógica; enfim, uma escola moderna em substituição à arcaica e precária Escola de Primeiras Letras existente no Império (SOUZA, 1998a, p. 29).

Considerados verdadeiros monumentos (FARIA FILHO; VIDAL, 2004), no Maranhão, a escola que serviu de referência para essa nova forma de organização foi a Escola-Modelo anexa à Escola Normal da capital do Estado, pois “o programa do ensino que neles será ministrado, abrangerá, como na Escola Modelo Benedito Leite, os cursos elementar, médio e superior e será lecionado, observando-se os métodos seguidos neste último instituto” (MARANHÃO, 1904a, p. 10). Como os Grupos Escolares estavam sob a jurisdição do diretor da Escola Normal, à Barbosa de Godóis foi atribuído o cargo de primeiro diretor dos Grupos Escolares maranhenses. Além de ocupar o mesmo cargo nas Escola Normal e Modelo, segundo Silva (2011), Godóis foi o responsável pela elaboração do primeiro Regimento Interno desses Grupos, que depois de submetido à avaliação necessária foi aprovado pelo então governador Alexandre Collares Moreira Junior.

No ano de 1904 foi expedido o Regimento Interno dos Grupos Escolares no Estado do Maranhão, sob o Decreto nº. 38, de 19 de julho de 1904. Nesse regimento, que normatizava a organização dos Grupos Escolares, estavam dispostos o tempo letivo, a matrícula e a frequência, a inspeção, exames, férias, recreio, bem como as orientações sobre de que forma disciplinar o aluno. Além de tais aspectos, constavam ainda as matérias e conteúdos a serem ministrados, os horários, a divisão de classe, o método utilizado, a organização do corpo docente, administrativo e auxiliar. Segundo Souza (2006), “o modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos de racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor” (SOUZA, 2006, p. 114).

Para frequentar as aulas dos Grupos Escolares era necessário que se estivesse regularmente matriculado em tal estabelecimento de ensino. A matrícula acontecia uma vez por ano, de 2 a 25 de janeiro, para todas as cadeiras dos Grupos Escolares, no entanto somente para a primeira cadeira seriam aceitos alunos novos. Sendo vedada a matrícula para as crianças que não tinham mais de 6 anos e menos de doze anos, as que não tenham sido vacinados e padeciam de moléstia contagiosa.

Os Grupos Escolares funcionavam anualmente de 1 de fevereiro a 30 de novembro, em todos os dias úteis das 9:00 às 13:00 e quando tinha aula de trabalhos manuais, se estendia até as 14:00.

O Regimento Interno de 1904, traz consigo, ainda, horários possíveis para que fossem lecionadas essas aulas, as quais denominavam-se Primeira, Segunda e Terceira cadeira, como observado a seguir:

1.^a CADEIRA

1.^a turma—O programma do 1.^o anno da Escola Modelo.
 2.^a turma—O programma do 2.^o anno da Escola Modelo.

2.^a CADEIRA

1.^a turma—O programma do 3.^o anno da Escola Modelo.
 2.^a turma—O programma do 4.^o anno da Escola Modelo.

3.^a CADEIRA

1.^a turma—O programma do 5.^o anno da Escola Modelo.
 2.^a turma—O programma do 6.^o anno da Escola Modelo.

Figura 3 - Correspondência entre as turmas da Escola Modelo e Grupos Escolares
 Fonte: MARANHÃO, 1905.

Horario das aulas da Primeira cadeira dos Grupos Escolares.

HORAS	2. ^{as} E 4. ^{as} FEIRAS	HORAS	6. ^{as} FEIRAS	HORAS	3. ^{as} , 5. ^{as} E SABBADOS
9— ás 9—15	Entrada, inspecção e cantico	9— ás 10—	Educação physica	9— ás 9—15	Entrada, inspecção e cantico
9—15 ás 10—15	Lingua materna	10— ás 10—25	Transito e descanso	9—15 ás 10—15	Lingua materna
10—15 ás 10—25	Descanso	10—25 ás 10—35	Lingua materna	10—15 ás 10—25	Descanso
10—25 ás 10—40	Instrucção civica	10—35 ás 11—5	Descanso	10—25 ás 10—40	Calculo
10—40 ás 10—55	Exercicios oraes	11—5 ás 11—25	Calculo	10—40 ás 11—	Desenho
10—55 ás 11—5	Descanso	11—25 ás 11—35	Recreio	11— ás 11—10	Descanso
11—5 ás 11—25	Lugar	11—35 ás 12—25	Exercicios graphicos	11—10 ás 11—25	Tamanho
11—25 ás 11—35	Recreio	12—25 ás 12—35	Canto	11—25 ás 11—55	Recreio
11—35 ás 12—25	Exercicios graphicos	12—35 ás 12—50	Forma	11—55 ás 12—25	Exercicios graphicos
12—25 ás 12—35	Canto	12—50 á 1—	Cantico, despedida	12—25 ás 12—35	Canto
12—35 ás 12—50	Forma			12—35 ás 12—50	Ensino objectivo
12—50 á 1—	Cantico, despedida			12—50 á 1—	Cantico, despedida.

Figura 4 - Horários das aulas da Primeira Cadeira dos Grupos Escolares
 Fonte: Regimento Interno dos Grupos Escolares, 1904c

Horario das aulas da Segunda cadeira dos Grupos Escolares.

HORAS	TERÇAS-FEIRAS	HORAS	QUINTAS E SABBADOS	HORAS	2. ^{as} , 4. ^{as} E 6. ^{as} FEIRAS
9— ás 9—15	Entrada, inspecção e transito	9— ás 9—15	Entrada, inspecção e cantico	9— ás 9—15	Entrada, inspecção e cantico
9—15 ás 10—	Educação physica	9—15 ás 9—45	Lingua materna	9—15 ás 9—45	Lingua materna
10— ás 10—25	Transito e descanso	9—45 ás 10—15	Exercicios oraes	9—45 ás 10—15	Desenho
10—25 ás 11—	Lingua materna	10—15 ás 10—25	Descanso	10—15 ás 10—25	Descanso
11— ás 11—10	Descanso	10—25 ás 11—	Calculo	10—25 ás 10—55	Calculo
11—10 ás 11—25	Forma	11— ás 11—10	Descanso	10—55 ás 11—5	Descanso
11—25 ás 11—35	Recreio	11—10 ás 11—25	Forma	11—5 ás 11—25	Ensino objectivo
11—35 ás 12—25	Exercicios graphicos	11—25 ás 11—55	Recreio	11—25 ás 11—55	Recreio
12—25 ás 12—35	Canto	11—55 ás 12—25	Exercicios graphicos	11—55 ás 12—25	Exercicios graphicos
12—35 ás 12—50	Instrucção civica	12—25 ás 12—35	Canto	12—25 ás 12—35	Canto
12—50 á 1—	Cantico, despedida	12—35 ás 12—50	Instrucção civica	12—35 ás 12—50	Lugar
		12—50 á 1—	Cantico, despedida	12—50 á 1—	Cantico, despedida

Nas 4.^{as} e 6.^{as} feiras haverá uma hora supplementar de trabalho manuaes, para as meninas, de 1 ás 2 horas da tarde.

Figura 5 - Horários das aulas da Segunda Cadeira dos Grupos Escolares
 Fonte: Regimento Interno dos Grupos Escolares, 1904c

Horario das aulas da Terceira cadeira dos Grupos Escolares.

HORAS	3. ^{as} FEIRAS	HORAS	5. ^{as} FEIRAS E SABBADOS	HORAS	2. ^{as} , 4. ^{as} E 6. ^{as} FEIRAS
às 10 -	Educação physica	9 - às 9-15	Entrada, inspecção e cantico	9 - às 9-15	Entrada, inspecção e cantico
às 10-25	Transito e descanso	9-15 às 9-43	Lingua materna	9-15 às 9-43	Lingua materna
25 às 11-	Lingua materna	9-43 às 10-15	Desenho	9-43 às 10-15	Desenho
às 11-10	Descanso	10-15 às 10-25	Descanso	10-15 às 10-25	Descanso
10 às 11-25	Ensino objectivo	10-25 às 11-	Instrucção civica	10-25 às 10-55	Calculo
25 às 11-55	Recreio	11 - às 11-10	Descanso	10-55 às 11-5	Descanso
55 às 12-25	Exercicios graphicos	11-10 às 11-25	Ensino objectivo	11-5 às 11-25	Ensino objectivo
25 às 12-35	Canto	11-25 às 11-55	Recreio	11-25 às 11-55	Recreio
35 às 12-50	Logar	11-55 às 12-25	Exercicios graphicos	11-55 às 12-25	Exercicios graphicos
50 à 1-	Cantico, despedida	12-25 às 12-35	Canto	12-25 às 12-35	Canto
		12-35 às 12-50	theoria musical	12-35 às 12-50	Logar
		12-50 à 1-	theoria musical	12-50 à 1-	Cantico, despedida.

Nas 4.^{as} e 6.^{as} feiras haverá uma aula suplementar, trabalhos manuaes, para meninas, de 1 ás 2 horas da tarde.

Figura 6 - Horários das aulas da Terceira Cadeira dos Grupos Escolares
Fonte: Regimento Interno dos Grupos Escolares (1904c).

Ao analisar essas figuras, observamos que as matérias são praticamente as mesmas para todos os anos. Elas foram estruturadas para serem ministradas de forma gradual, obedecendo à seriação do ensino. Cada dia letivo compreenderia um total de quatro horas de aula e estas, geralmente, iniciavam com inspecção e cânticos.

Percebe-se que o Trabalhos Manuais³ é comum às segunda e terceira cadeiras, pois as alunas já são da instituição. Além disso, as atividades escolares são divididas em dois tempos separados por um recreio de 30 minutos. Constata-se também que há o descanso ou canto de 10 minutos após as matérias com duração de mais de 30 minutos, isso para que os alunos descansassem antes das aulas que exigissem mais esforços mentais.

Ao analisar o Regimento Interno de 1904 dos Grupos Escolares, nota-se a constituição de uma série de dispositivos disciplinares como o controle cronológico do tempo, a inspecção dos alunos antes de entrar na turma, as filas, a realização de exames regulares, a supervisão do trabalho do professor pelo diretor, entre outros. O regimento interno objetivava produzir a disciplina dentro da escola, não uma disciplina intimidadora mais obediente ao controle ininterrupto. Esse controle se dava por uma cadeia de vigilância hierárquica na qual os alunos eram controlados pelos professores e vigilantes escolares, os professores eram monitorados pelos vigilantes escolares e os vigilantes eram policiados pelos diretores, tudo sobre o olhar do Estado (LICAR, 2012). Desse modo, o período dentro desta instituição servia para disciplinar e regular os sujeitos envolvidos em seu cotidiano (SILVA, 2017).

A partir do Regimento Interno do Grupo Escolar de 1904 pode-se inferir a diversidade de deveres atribuídos aos alunos, tais como ser pontual nos dias de aula com o necessário asseio; agir com respeito e manter-se em silêncio no estabelecimento e durante a aula; ficar atento às lições e não incomodar os colegas; apresentar as lições quando forem solicitadas entre outros.

Nesta instituição algumas proibições eram impostas aos alunos e o seu não cumprimento acarretaria em punições, já que essas proibições contribuíam para manter a boa ordem e a disciplina da turma e da instituição: saírem da sala de aula durante as lições, sem permissão da professora – pena de admoestação na sala; sujarem, estragarem ou danificarem o edifício ou seus móveis – pena de repreensão; retirarem do estabelecimento qualquer objeto a ele pertencente ou aos outros alunos - pena de admoestação na sala; distribuírem materiais

³ Sobre este tipo de saber primário, consultar Frizzarini (2018). No trabalho desta autora, que objetivou analisar como e quais saberes matemáticos articularam-se na matéria escolar Trabalhos Manuais ao longo de sua escolarização no curso primários dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, pôde constatar uma articulação distinta com outros saberes matemáticos, evidenciando finalidades tais como: destreza manual e visual, aprimoramento estético e artístico, desenvolvimento do amor e gosto pelo trabalho e auxílio às outras matérias, inclusive auxílio ao Desenho.

ofensivos à moral – pena de repreensão. A expulsão ocorreria no caso de reincidência das proibições citadas. Tais instruções têm o papel de “reduzir os desvios e alinhar comportamentos e gestos considerados desajustados” (SILVA, 2017, p. 107).

Os exames, nos Grupos Escolares, eram realizados em todas as cadeiras e turmas na data designado pelo diretor, começando às 10:00 e não indo além das 16:00. Eles constavam de provas gráficas, orais e práticas. E as frequências se davam todos os dias após a entrada do aluno na sala, marcando falta nos ausentes.

Ainda a respeito deste cenário geral relatado, o método de ensino utilizado foi o intuitivo, que deveria priorizar a prática em detrimento da teoria. Os professores deveriam estimular a observação nos alunos. Assim, este método indicava que se deveria proceder do conhecido para o desconhecido, do simples em direção ao complexo, do concreto com destino ao abstrato, das ideias para as palavras, de modo que os saberes e as práticas fossem selecionados e organizados conforme a abordagem indutiva (DALLABRIDA; TEIVE, 2011). O ponto central deste método de ensino consistia na educação pelos sentidos em que a percepção e a imaginação auxiliavam na observação e manuseio dos objetos colocados à sua frente.

O Ensino de Desenho no Grupo Escolar Segundo o Regimento de 1904

Como explicitado anteriormente, a intenção deste artigo é identificar, a partir das prescrições para a matéria de Desenho, as suas finalidades de ensino. Assim, ao buscar cumprir tal tarefa cabe mencionar que, de acordo com Chervel (1990), o primeiro ponto de partida é o exame de textos oficiais programáticos, circulares, leis, decretos, instruções, programas de ensino etc., ou seja, um *corpus* constituído de um conjunto de documentos prescritivos e normativos que informam sobre a realidade escolar de determinada época. Outro conselho dado por esse historiador francês, diz respeito ao entendimento de que cada matéria dispõe “de uma autonomia completa, mesmo se as analogias possam se manifestar de uma para outra” (CHERVEL, 1990, p. 187). Considerando essa natureza própria, como se apresenta o ensino de Desenho no Grupo Escolar maranhense da primeira década do século XX? Ide aos fatos.

Ao analisar o Regimento Interno dos Grupos Escolares de 1904, observa-se, com relação à matéria de Desenho, que a mesma apresenta as especificações listadas no Quadro 1. Neste Regimento foram encontrados vários tipos de desenho, dentre eles o desenho do natural, o de memória e o espontâneo. Conforme Chervel (1990, p. 203), o estudo desses “conteúdos explícitos do ensino disciplinar” constitui a tarefa primeira do historiador das disciplinas escolares, haja vista que os conteúdos são meios utilizados para alcançar uma determinada finalidade. Dessa maneira, destrinchando esses conteúdos, avalia-se que o desenho do natural, condiz à representação gráfica de um objeto a partir da sua observação. O desenho de memória pode ser compreendido a partir das lembranças daquilo que saiu do nosso campo visual e o desenho espontâneo corresponde aquele produzido a partir da criação livre e das experiências vividas.

Apesar da existência do Desenho em todos as cadeiras do Grupo Escolar, o que atesta pelo menos a sua importância para a formação daquelas crianças, considera-se modesta a sua presença porque os conteúdos eram poucos. Além disso, era ministrado na primeira cadeira, 60 minutos por semana. Já na segunda e terceira cadeiras, passou a ser desenvolvido com carga horária de 90 minutos por semana. A matéria Desenho era ministrada após disciplinas como Língua Materna e Cálculo, o que significa que ela não exigia muito esforço mental.

Quadro 1 - Especificações do Desenho nos Grupos Escolares.

1ª. cadeira: 3ª., 5ª. e sábado das 10:40 às 11:00
Cópia do natural; Modelos monocromos a pastel ou giz de cor, com atenção aos efeitos da luz (objetos de uso comum isolados); A reprodução de memória do mesmo objeto, que foi copiado do modelo, com redução ou com ampliação, insistindo sobre os objetos de uso comum isolados.
2ª. cadeira: 2ª., 4ª. e 6ª. das 9:45 às 10:15
Como na classe anterior, insistindo na reprodução da memória e estimulando modificações espontâneas dos alunos nos objetos que reproduzam. Objetos em grupo, estudo de planos e dimensões relativas.
3ª. cadeira: 2ª., 4ª. e 6ª. das 9:45 às 10:15
Maior desenvolvimento da última parte do programa da classe anterior. Estudo da perspectiva. Complemento do curso e composições espontâneas.

Fonte: Regimento Interno dos Grupos Escolares (1904c)

Observando os conteúdos de cada cadeira, nota-se que, a cada ano que passava, o nível de dificuldade dos conteúdos que compunham essa matéria tendia a aumentar. Nos conteúdos a serem ensinados na 2ª. cadeira era preciso recapitular o conteúdo da cadeira anterior, insistindo na reprodução pela memória. Para a 3ª. cadeira deveria se fazer uma revisão dos conteúdos da cadeira anterior, incluindo ainda um estudo de perspectiva. Ou seja, inicialmente os alunos deveriam fazer cópias do natural de objetos considerados isolados, com o intuito de estimular a observação. A despeito desses objetos isolados tudo leva a crer que se tratava de objetos comuns, do dia a dia, mas que se apresentavam de forma isolada, isto é, não agrupados com outros de mesmo tipo ou diferentes. Em seguida, deveriam fazer cópias de objetos em grupo mediante o aperfeiçoamento por meio do estudo de planos e dimensões relativas. Percebe-se que neste momento a cópia realizada era feita por meio de cópias de objetos em grupo. Essa informação nos diz que à medida que se avançava entre as Cadeiras, mais dificuldade era exigida, como o desenho não mais de um objeto apenas, mas de grupos de dois ou três. Por último, mantinha-se a cópia do natural de objetos em grupo, porém com o estudo da perspectiva, o que tornava a atividade mais complexa exigindo uma maior perfeição por parte do aluno. Neste enredo Freitas (1911) acrescenta:

Devemos deixa-las rabiscar muito papel, pois, como demonstra a pratica fornecendo-lhes objetos para entreter o habito instintivo de fazer reproduções, por mais grosseiras que estas possam ser, succederá que ao chegar o tempo de lhes dar lições serias de desenho, encontraremos nelas uma facilidade de execução que não teriam alcançado sem isso. Ter-se-á ganho tempo, e economizado ao discípulo e ao professor (FREITAS, 1911, p. 129).

A ordem de conteúdos exposta demonstra que o ensino de Desenho estava orientado do simples para o complexo, sugerindo assim estar de acordo com uma das características do método intuitivo.

Percebe-se a continuidade da lógica hierarquizada dos saberes, pois o ensino transitava do mais simples ao de mais complexidade de execução, sendo ensinados de maneira progressiva. Foi notado também que as três cadeiras trazem cópias ao natural, dando destaque à liberdade inventiva e criativa dos alunos. Essa insistência no desenho do natural parece estar alinhada com as propostas de outros estados brasileiros, a exemplo do estado de São Paulo,

onde nos programas de ensino da primeira metade do século XX (1905, 1918, 1921, 1925, 1934 e 1949/50) esse tipo de desenho ganhou espaço e se tornou o carro-chefe das propostas de ensino desse saber (GUIMARÃES, 2017).

O desenho do natural remete-se ao desenvolvimento do desenho à mão livre, seja do cotidiano, de elementos da natureza ou artefatos. Como também percebeu Guimarães (2017):

Aqui a educação do olho e da mão ocorria através da prática do chamado modelo copiado do natural. Neste caso, após ser apresentado, esboçado em partes no quadro-negro e apagado logo em seguida pelo professor, este ficava ao alcance dos olhos das crianças para que elas, a partir da observação, conseguissem alcançar gradativamente uma representação mais aproximada do natural, do objeto real (GUIMARÃES, 2017, p. 168).

À medida que o aluno vai aprimorando seus conhecimentos, sua observação e percepção, ele vai mudando sua maneira de representar os objetos. Já que o desenho não é o objeto e sim uma representação dele. Pingrenon reforça essa ideia ao afirmar:

Apprender a gozar de todas as vantagens do sentido da vista; exercitar-se desde a meninice a fazer trabalhar paralelamente a mão, o olho, o cérebro, de um modo progressivo, em exercícios habilmente dirigidos; isto dará forçosamente uma instrução ao mesmo tempo intelectual para as necessidades normaes da existencia humana (PINGRENON, 1906, p. 58).

O Regimento de 1904 determinava que, em Desenho, deveriam ser tomados como modelos objetos simples e objetos que fossem do conhecimento do aluno. Esses saberes deveriam ser ensinados de forma a desenvolver no aluno o interesse pela observação dos objetos, o que facilitaria no processo de abstração por parte desse aluno. Assim, mais uma vez, associamos essa estruturação dos saberes de Desenho ao método intuitivo. O ensino do Desenho em tempos do método intuitivo “[...] além de oferecer às crianças possibilidades de articulação com a vida cotidiana, possibilitava-lhes, por meio da percepção sensível, o desenvolvimento de suas faculdades de observação, da imaginação, do gosto estético etc.” (GUIMARÃES, 2017, p. 169).

O método intuitivo pode ser caracterizado “como a prática pedagógica que faz uso de objetos didáticos, conhecidos ou semelhantes àqueles conhecidos pelos alunos, para promover a aprendizagem” (VALDEMARIN, 2006, p. 171). Dessa forma, é possível argumentar em favor de que é por meio dos sentidos que a atividade intelectual é despertada e que, através do método intuitivo que são utilizados objetos concretos postos à vista para que, a partir deles, os alunos cheguem à abstração necessária para a compreensão formal do que lhes está sendo ensinado. Segundo Teive (2008),

A ênfase dada pelo método de ensino intuitivo ao empírico, a observação, ao ver, sentir e tocar é, pois, alicerçada no pressuposto de que o conhecimento tem início na operação dos sentidos sobre o mundo exterior, a partir dos quais seriam produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos, transformadas em matéria-prima das ideias, as quais, acrescidas da imaginação e do raciocínio, possibilitariam o desenvolvimento da capacidade de julgamento e de discernimento (TEIVE, 2008, p. 112).

O método intuitivo foi um dos símbolos da modernidade pedagógica do ensino primário no início da República, já que se propôs a romper com o tradicionalismo fundamentado na memorização e na repetição.

Compreende-se também que no desenho do natural, que se utilizava um objeto ou objetos como modelos, o ensino de desenho se dava por meio do trabalho com conceitos

geométricos, escala, medidas, proporcionalidade, simetrias, perspectiva e semelhança. Já no desenho de memória e espontâneo trabalhava-se o estímulo a imaginação, expressão, criatividade e observação.

Conclusão

Os Grupos Escolares foram instalados no estado do Maranhão para atender às demandas educacionais que emergiram na sociedade brasileira a partir do estabelecimento do regime republicano no país. Esse modelo educacional trouxe uma gama de alterações no sistema escolar, desde um método de ensino, passando por frequência, matrícula, seriação das turmas, professor por série em um mesmo espaço físico até a vigilância de professores e alunos para a manutenção da ordem. Nesse contexto, por meio da apropriação dos referenciais teóricos da disciplina escolar e história cultural de Chervel (1990) e Chartier (1990), respectivamente, iniciou-se a produção de uma história do ensino de Desenhos nos Grupos Escolares ludovicenses.

Nesta pesquisa buscou-se identificar os conteúdos trabalhados nas aulas de Desenho nos Grupos Escolares maranhenses, mais especificamente, no Regimento Interno dos Grupos Escolares de 1904. Este Regimento se constitui um importante elemento na construção da história da educação matemática maranhense no início do século XX. Dessa forma, a análise desse regimento revelou diferentes aspectos da matéria Desenho nos Grupos Escolares, além do funcionamento destas instituições.

A matéria Desenho, nos Grupos Escolares, estava voltada para o desenvolvimento da observação, memória e espontaneidade. Contudo, o tempo dedicado à essa matéria era pouco, variando entre 60 e 90 minutos por semana. Além disso, ela não exigia tanto esforço mental.

O Desenho era ofertado nas três cadeiras, onde iriam se completando ao longo do curso de uma forma progressiva. Partindo de atividades de fácil execução para as mais complexas. Os objetos utilizados como modelo nas aulas deveriam fazer parte do cotidiano dos alunos e a espontaneidade e criatividade eram incentivadas nos desenhos.

O método utilizado para nortear as aulas era o intuitivo. Este favorecia que o aluno adquirisse certa lógica no pensamento, que viria através do fortalecimento da observação visando ao exercício dos sentidos para depois partir para as abstrações.

O Desenho do natural também foi evidenciado nas prescrições dos Grupos Escolares, a fim de educar a mão e a vista para a produção de representações mais próximas do real. Dessa forma, o que se observa é que o Desenho do natural traz como finalidade a educação da vista e da mão passando, implicitamente, por alguns conceitos matemáticos.

Referências

CELLARD, A. A análise documental. In.: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Tradução Ana Cristina Arantes Nasser.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, DIFEL, 1990.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, 1990.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./jul./ago., p. 19-34, 2000.

FREITAS, C. Desenho do Natural. **Revista de Ensino**. São Paulo, SP: Typographia do Diario Official. Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, Anno X, n. 3, Dez. 1911. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97339>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FRIZZARINI, C. R. B. **Saberes matemáticos na matéria Trabalhos Manuais**: processos de escolarização do fazer, São Paulo e Rio de Janeiro (1890-1960). 2018. 190f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

GUIMARÃES, M. D. **Por que ensinar Desenho no curso primário?** Um estudo sobre as suas finalidades. 2017. 213f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

LICAR, A. C. N. C. **“Escripta rudimentar”**: uma polêmica entre Antônio Lobo e Barbosa de Godóis. São Luís: Café & Lápis; FAPEMA, 2012.

MARANHÃO. Decreto nº. 36, 1 jul. 1904a.

MARANHÃO. Decreto nº. 38, 19 jul. 1904b.

MARANHÃO. Lei nº. 323, 26 mar. 1903.

MARANHÃO. Regimento interno dos grupos escolares, 1904c.

MARANHÃO. Regulamento da Escola Normal nos Institutos que lhe são jurisdicionados e da Escola Modelo “Benedito Leite e curso anexo”. Maranhão: Typografia Frias, 1905.

PINGRENON, R. A natureza, mestre de desenho. **Revista de Ensino**. São Paulo, SP: Typographia do Diario Official. Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo, Anno V, n. 2, p. 57-59, set. 1906. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/97514>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SILVA, D. R. **A institucionalização dos grupos escolares no Maranhão (1903-1920)**. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

SILVA, D. R.; CASTRO, C. A. Os rituais nos Grupos Escolares Maranhenses. In: CASTRO, C. A.; CASTELLANOS, S. L. V.; FELGUEIRAS, M. L. (Orgs.) **Escritos de história da educação**: Brasil e Portugal. São Luís: Café & Lápis, 2012.

SILVA, R. R. N. Sobre o tempo e o controle dos corpos na Escola Primária: o que dizem dezessete professores do território da Grande Aracaju (1930 -1961). **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 5, n. 3, p. 97–112. jun. 2017.

SOUZA, R. F. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, D. (Org.) **O Legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Educação contemporânea).

SOUZA, R. F. **Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998a.

SOUZA, R. F. O Espaço da Educação e da Civilização: Origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. S. **O Legado Educacional do Século XIX**. Araraquara: UNESP, 1998b.

TEIVE, G. M. G. **Uma vez normalista sempre normalista: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico**. Florianópolis: Insular, 2008.

TEIVE, G. M. G; DALLABRIDA, N. **A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

VALDEMARIN, V. T. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, D. **O Legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. (Educação contemporânea).

VEIGA, C. G. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.